

CONCEITOS FUNDAMENTAIS DA GEOGRAFIA

SITUAÇÃO GEOGRÁFICA¹

Fernando Damasco²

Universidade Federal Fluminense (UFF)
Niterói, RJ, Brasil

Enviado em 25 mai. 2023 | Aceito em 8 jun. 2023

Situação constitui uma noção polissêmica que figura em trabalhos acadêmicos, em diferentes contextos de enunciação, sem que os autores necessariamente lhe atribuam a devida importância, mas, como veremos, ela pode ser considerada ao lado dos conceitos normalmente eleitos como seminais para os estudos geográficos. O conceito extrapola a disciplina geográfica, tendo se tornado um referencial importante para diversas áreas do conhecimento, como a Psicologia (discussão de estímulo e ambiente), Sociologia (situação social), Etnologia (situação histórica), Estudos Literários, etc. Na Lógica e na Filosofia da Ciência, a situação é entendida como “algo que inclui um grande número de diversos elementos existentes em amplas áreas de espaço e longos períodos de tempo, mas que, no entanto, têm sua própria unidade” (DEWEY, 1938). No que se refere à Filosofia, Cataia e Ribeiro (2015) identificaram ao menos três traços filosóficos que interessam diretamente à Geografia em sua interpretação dos nexos entre ação e espaço: “(i) relação e reciprocidade (espacial); (ii) combinação de momentos (temporal); e (iii) condição ou disposição (adversa ou favorável) para a realização, no sentido de transcender um determinado estado de coisas em direção ao futuro (ação)” (p. 14).

1 Este verbete resulta de reflexões relacionadas à minha pesquisa de doutorado, que se encontra em fase de conclusão sob orientação do Prof. Rogério Haesbaert (UFF/POSGEO), a quem agradeço o estímulo para a publicação e o auxílio crucial na edição final do manuscrito. Agradeço ao Prof. Romay Garcia (IBGE/ENCE) pela colaboração fundamental na pesquisa sobre a Internacional Situacionista. Agradeço ainda aos colegas do POSGEO/UFF e aos meus alunos da Escola Nacional de Ciências Estatísticas (ENCE), com quem pude amadurecer, em frutuosas aulas e debates, muitas das ideias e reflexões aqui reunidas.

2. Doutorando em Geografia (UFF/POSGEO). Geógrafo, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE; Professor Colaborador, Escola Nacional de Ciências Estatísticas (ENCE). ORCID (obrigatório): <https://orcid.org/0000-0001-7097-6752>. E-mail: fernandodamasco@gmail.com

Partimos da necessária distinção entre a situação como um dos conceitos fundamentais da análise geográfica e o uso, muito recorrente, da situação como perspectiva de método, o que seria uma *análise situacional em Geografia*.

Como conceito, a situação esteve sempre vinculada à dimensão relacional das posições e dos lugares. Enquanto o *sítio* se refere ao chão de uma coletividade, e a posição um enquadramento fixo no sistema de localizações, a situação impunha a avaliação comparada de vantagens e qualidades entre esses elementos. Brunet et al. (1992, p. 143) afirmam que, etimologicamente, no francês, no alemão ou no russo, a palavra *situação* deriva de radicais que evocam “o que está assentado”, “deitado”, “pousado”.

Enquanto método, cabe atentar ao enunciado proposto por Claval (2014), que nos recorda que os primeiros geógrafos entendiam “a Geografia como análise de situação” (p. 147). Desde a Antiguidade, passando pelo Renascimento e chegando até as obras de Karl Ritter, Friedrich Ratzel e Paul Vidal de La Blache, o autor demonstra o quanto a preocupação com a *posição relativa*, comparada, sempre vista em perspectiva, orientou as primeiras análises geográficas. Claval nos lembra que a topografia de um sítio, de uma posição, é mais fácil de ser compreendida que a situação, pois esta última exige análises na escala de espaços vastos, em escalas menores. Novas tecnologias cartográficas após o século XVIII contribuíram para que as suas obras avançassem em teorias sobre as situações naturais, no caso de Humboldt; situações produzidas pela distribuição dos seres humanos na superfície terrestre, no caso de Ritter; e a situação político-geográfica, em Ratzel.

Embora durante muito tempo centrado numa perspectiva geográfica naturalista, como aponta Claval, o conceito de situação ultrapassou a perspectiva da disciplina e adquiriu um enorme potencial analítico, político e social (SILVEIRA, 1999; CLAVAL, 2014; CATAIA e RIBEIRO, 2015).

Nesse debate, na passagem de uma abordagem naturalista para uma Geografia do homem, pode-se começar com a importância de Friedrich Ratzel. Sua obra talvez tenha sido a que deu maior importância ao problema da situação, colocando-a ao lado do espaço na constituição de sua teoria. Na proposta da antropogeografia de Friederich Ratzel, ele oferece uma explicação da superfície terrestre a partir da contribuição dos povos, de suas ocupações, formas de organização e marcas deixadas na paisagem. Pereira (2021) ressalta que, em sua *Anthropogeographie* (1882), Ratzel definiu separadamente *situação* (*lage*) e *espaço* (*raum*), termos que, depois, passaram a ter uso ampliado nas suas obras. Para Ratzel (2021[1894]) a situação está relacionada com articulação, “intercâmbio, uma troca viva de assimilações e irradiações” (p. 15). Esse entendimento da situação como *articulação entre os lugares* foi cristalizado no imaginário dos geógrafos, tornando-se quase sinônimo de *posição relativa*, o que se trata de apenas uma das possibilidades de uso e aplicação do conceito.

Em outras palavras, os povos, no seu movimento de apropriação da superfície terrestre, são construtores de situações. Ratzel também desenvolveu o conceito de *situação político-geográfica* (RATZEL, 2021 [1894]), ressaltado também nos comentários de sua obra por Paul Vidal de la Blache (2012[1899]), agregando à situação uma grande utilidade nas análises estratégicas, nas possibilidades de mobilização da guerra e no estabelecimento de um sistema comparativo de vantagens territoriais entre os Estados.

Jean Brunhes (1962[1910]) também comentou a abordagem ratzeliana e destacou o papel do movimento na ocupação humana da superfície terrestre. Ao se referir a localização, pressupunha sua permanente reinvenção pelos povos, em novas situações. O conceito de situação é mobilizado posteriormente por Max Sorre, que o define como “elemento estruturante do espaço” (SORRE, 1984 [1961], p. 144). Para o autor, a situação seria definida a partir do conjunto entre linhas geodésicas, acidentes físicos e pelas linhas de relações terrestres, principalmente os lugares de encontro e os

focos de irradiação. O autor dá importância aos fatos humanos (que compreendemos aqui como ações humanas) como elementos limitadores de uma situação.

Pierre George (1969), por sua vez, buscando investigar a organização espacial das sociedades a partir das feições industriais e urbanas, utiliza o conceito de situação para destacar a capacidade da Geografia de decompor o conjunto de elementos estudado pelas demais disciplinas – a História, a Sociologia etc. – e investigá-los em um mesmo “estado geográfico de fato, em um quadro especial determinado” (p. 14), em que agem em conjunto para constituir uma “situação geográfica”, reforçando-se ou contrariando-se uns aos outros. Ele distingue o *espaço de localização* – associado à noção de meio geográfico, suporte de uma coletividade –, do *espaço de relação*, que compreende as “diferentes categorias de espaços envolvidos pelas atividades humanas projetadas conforme as tendências básicas sobre áreas de influência” (GEORGE, 1969, p. 30) e insiste que “o objetivo da aplicação de métodos geográficos é o estudo das situações” (p. 20).

A busca de uma explicação para os fatores e elementos que compõem uma situação constitui, portanto, o objetivo principal da investigação geográfica, o que se torna um grande desafio considerando-se a mobilidade e a instantaneidade das situações atuais. Importante destacar a centralidade que tomam as ações e suas relações para a configuração de uma situação. Trata-se, sobretudo, de considerar a relatividade das relações e das ações, que não só humanizam o espaço como também o relativizam, tornando-o, ele mesmo, a partir de seus limites e sua pluralidade, “situação” (GEORGE et al., 1973, p. 22).

A ambivalência da situação – como artifício e como condição espacial, ressaltada por George, está relacionada à própria discussão sobre o binômio espaço-tempo. A delimitação de situações é uma atividade eminentemente espacial, porém limitada pelo tempo (*espaço estrangido pelo tempo*), mas também encarcera as ações a espaços, de certa forma limitados pelo analista (*tempo estrangido pelo espaço*). Esse jogo de estrangimentos implica pensar o presente através do que Milton Santos (2004:9) denominou “acumulação desigual de tempos”, e que poderíamos referir aqui como *coleção de situações*. O estudo das situações, assim, envolve o desafio metodológico de conceber, indissociavelmente, o espaço e o tempo, o que consiste em uma grande questão para os geógrafos, que sempre se acostumaram a eleger o espaço como objeto e o tempo como ferramenta. Na verdade, o tempo pode ser lido como uma coleção de eventos que compõe os lugares, numa sucessão de situações, com muitas sobreposições.

Por caminhos distintos, Milton Santos e Michel Lussault destacam a situação como *quadro* para a ação: ao mesmo tempo em que agem, os atores constituem novas situações. A questão da situação é resgatada por Santos (2012 [1996]) quando discute o sistema de ações, destacado em seu conceito de espaço como “conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações” (SANTOS, 2012[1996]:21). Concebida como construção social, a situação representa também o limiar entre um determinado momento e uma nova realidade, projetada pela sociedade para substituir o contexto presente, uma vez que “um dos resultados da ação é, pois, alterar, modificar a situação em que se insere” (p. 78).

Inspirada nas proposições de M. Santos, a geógrafa María Laura Silveira (1999), ao propor a situação geográfica como metodologia, argumenta que a situação permite congrega as ações no tempo, de modo a revelar existências materiais e organizacionais que permitem compreender os conteúdos do espaço geográfico a cada momento. Implica um conjunto de variáveis possíveis à disposição do geógrafo, cuja atribuição é selecioná-las e hierarquizá-las numa estrutura significativa.

Refletindo sobre o trinômio ação-espaço-tempo, o geógrafo Michel Lussault dedica um capítulo de *L’homme spatial* (2005) ao que denomina “geografia das situações”. Compreendendo a Geografia como “ciência social do espaço” (p. 40), Lussault entende o espaço como produto dos modos como

os grupos humanos lidam com o problema da distância. O espaço “está em ação” (p. 38) pois é a manifestação da atividade dos seres humanos com a distância e os lugares. A situação é vista como um condicionante da disposição espacial que direciona o jogo dos atores e, ao mesmo tempo, é o produto da ação espacial. Como convergência relacional das estratégias, é também o lugar e o momento para e a partir dos quais se dirigem as ações. Em outras palavras, é uma sucessão de situações que produz o presente, onde estamos *em situação*, sempre tensionados e desejosos de construir novas situações. Essa trajetória, espacialmente mediada, consiste em grande desafio para os geógrafos, pois compreende um jogo complexo de escalas e, ao mesmo tempo, exige escolhas metodológicas adequadas para uma eficiente compreensão dos elementos espaciais.

Desse ponto, podemos inferir que a situação geográfica, para além de mero recurso analítico ou atributo do espaço, configura-se também como uma dimensão ontológica, existencial. Cada ser humano só existe em situação, isto é, em convergência relacional com a superfície terrestre e com outros “actantes” (LATOURET, 1989). Toda a sua existência é espacial, pois inserida no conjunto de situações geográficas que recebe como herança e em que será protagonista. Concebemos o passado e o futuro em situações, estejamos ou não nelas inseridos. Entretanto, ela pode nos levar a um constrangimento conceitual – se a situação fosse compreendida como uma condição exclusivamente subjetiva, poderíamos incorrer no equívoco de reduzi-la às impressões do sujeito, caindo-se em um relativismo tão profundo que intimidaria qualquer conclusão minimamente objetiva.

Talvez uma pista para superarmos essa possível dicotomia esteja na própria fonte do pensamento existencialista, considerando-se que a situação foi amplamente explorada por Jean Paul Sartre em sua teoria sobre o ser, que relacionava *contingência* e *liberdade* como condicionantes da ação humana. A situação é sempre ambígua porque, ao mesmo tempo que se projeta ao sujeito como uma realidade herdada, um molde dentro do qual suas ações podem ocorrer, também guarda, contraditoriamente, todo o potencial de transformação, somente motivado pela visão de um futuro desejado. Por isso, o autor defende que “não há liberdade a não ser em situação, e não há situação a não ser pela liberdade” (SARTRE, 2015 [1943], p. 640).

Não à toa, Sartre define as estruturas da situação a partir da perspectiva do sujeito – meu lugar, meu corpo, meu passado, meus arredores –, mas alerta, usando seu vocabulário filosófico, que ela não é somente subjetiva ou objetiva, isto é, ela não se resume a uma *impressão* do sujeito sobre as coisas e tampouco uma *compreensão do sujeito* sobre o estado do mundo. A situação seriam as coisas e os sujeitos em relação.

É impossível deixar de notar a proximidade da proposição de Sartre com a situação e a indissociabilidade entre as ações e objetos em Milton Santos, o que nos faria perguntar se não estaríamos ampliando sobremaneira a situação, a ponto de confundi-la com o espaço. O que Sartre talvez nos ajude a compreender é que a situação é, em si mesma, indissociavelmente, a contingência (como limitação e, portanto, realidade) e a potência (como transformação e, portanto, projeto) da ação no espaço-tempo. Ela agrega indissociavelmente algumas instâncias que precisam ser apreendidas de forma articulada: a dimensão subjetiva (*minha situação*), a dimensão inter-subjetiva (*nostra situação*), a dimensão objetiva (*a situação* como realidade compreensível e ferramenta analítica), todas elas sempre na tensão entre determinação e mudança, isto é, entre uma *situação atual* e uma *nova situação* que já a ilumina e sobre aquela atua.

A perspectiva da mudança, inerente à situação como vimos até aqui, talvez tenha tido sua maior aplicação explícita no movimento situacionista. O movimento político e cultural da Internacional Situacionista, liderado por Guy Debord, defendia como uma noção central a *construção de situações*. Fortemente influenciados pelo marxismo, os situacionistas viam no urbanismo um caminho privilegiado para a construção de novas situações por meio de estratégias de mobilização popular.

Henri Lefebvre, em suas ideias sobre a potencialidade revolucionária da vida cotidiana, aproximou-se do movimento.

O que nos interessa especialmente nas teorias situacionistas é a utilização do conceito de situação ao articular a perspectiva da mudança social através da mobilização coletiva visando ao afastamento do modelo institucional e a construção de um urbanismo (e, assim, uma nova realidade espacial) marcada pelo compromisso com a deriva, isto é, com a abertura à diversidade de possibilidades de situações coletivamente construídas. Situação é, portanto, um “momento da vida, concreta e deliberadamente construído pela organização coletiva de uma ambiência unitária e de um jogo de acontecimentos” (INTERNACIONAL SITUACIONISTA, 2003[1958]:5), uma “unidade de comportamento temporal” (p. 62), “forçosamente coletiva” (p. 63). A construção das novas situações, para Debord (2003[1957]), exigia um novo ordenamento territorial, inevitavelmente, uma nova modalidade de ação espacial.

Uma nova situação é, portanto, a projeção espaço-temporal, no futuro, de uma realidade imaginada, concebida no limiar entre os projetos coletivos e as necessidades vitais em antagonismo a uma situação atualmente vivida, que guarda em si o conteúdo revolucionário (e utópico) que dá significado e conduz a ação presente como canal de transformação de uma situação atual.

Prosseguindo nesse contexto crítico colocado pelos situacionistas, e também sob influência do marxismo, mas com matizes de uma “situação periférica”, latino-americana, podemos acrescentar uma leitura contemporânea a partir da abordagem descolonial que combate a colonialidade do poder (Quijano, 2009[2000]). Como que a antecipar essa visão, Paulo Freire, desde uma perspectiva pedagógica, não diretamente geográfica, afirmava que os homens são “seres em ‘situação’ [são porque estão em situação], (...) enraizados em condições tempo-espaço” cuja “tendência é refletir sobre sua própria situacionalidade”, pensando “criticamente sobre sua forma de estar”, mas criticamente também atuando “sobre a situação em que estão” (FREIRE, 1987:65). Essa situacionalidade dos sujeitos está relacionada ao questionamento do processo histórico e social de colonização, constituindo um conjunto de enfrentamentos às *situações coloniais* (Balandier, 1993 e 2014 [1951]) a que foram submetidos os povos originários de nosso continente e que se projetam ainda hoje como *situações em colonialidade*.

O fato de reivindicarmos certa cautela com a análise de situações no âmbito da colonialidade está relacionado à própria origem do pensamento geográfico, com matrizes europeias e uma forte dependência dos projetos de Estado. Epistemologicamente, pensar como pensam os geógrafos quando criam suas descrições sobre as situações é necessário porque, simplesmente, quem analisa também o faz em situação.

Já pelo menos desde os anos 1980 as Ciências Sociais, para além da abordagem descolonial, têm enfatizado que todo o “conhecimento situado” (HARAWAY, 1995[1988]). Em artigo recente, Haesbaert (2022), retomando esse debate, nos alerta para a dificuldade em refletirmos sobre a necessária contextualização geo-histórica da própria enunciação do conhecimento. Citando Haraway (1995), o autor ressalta a importância de que sejam considerados os saberes parciais, localizáveis, muitas vezes tidos como inferiores e incompletos pelo modelo generalizante de produção de conhecimento da modernidade. Trata-se de admitir que todo pensamento é “geo-historicamente situado” (p. 4) e que “geografar é também posicionar-se, ou melhor, situar-se (...), aprender a assumir diferentes pontos de vista”, num às vezes lento e árduo “ressituar-se, recolocando limites/horizontes a partir de cada posição ou perspectiva vivenciada”. (2022:4)

É interessante como esse “ressituar-se” evoca novos deslocamentos por parte do geógrafo. Se, em nossas matrizes disciplinares modernas, marcadas por rígida objetividade, aprendemos que a análise do espaço exige um deslocamento, uma visão em alguma distância do sistema que se quer

conhecer, aqui assumimos a produção do conhecimento como “exercício situado”, isto é, submetido à perspectiva de quem enuncia quando, no curso da análise, já se encontra em situação. A produção do conhecimento geográfico sempre ocorre, portanto, *entre situações geográficas*, sendo um desafio ainda por explorar o aprofundamento as consequências metodológicas desta máxima.

Partindo, portanto, de uma abordagem que entendia a situação no quadro amplo das relações entre os lugares e das vantagens locais, os geógrafos, pouco a pouco, foram expandindo seu lastro conceitual no sentido de dar-lhe o devido destaque no âmbito da constituição dos espaços humanos, em um momento em que a distribuição dos assentamentos e as estratégias espaciais constituíam uma preocupação central dos sistemas estatais. Mais tarde, foi mais bem compreendida no quadro amplo da tríade ação-espaco-tempo, constituindo-se, ao mesmo tempo, limitação e potência da ação espacial, convergência relacional e estratégica de atores. Seu uso implica ainda considerar a perspectiva dos sujeitos, sempre em situação. A situação geográfica é, portanto, o conjunto delimitável de atores, ações e objetos em interação em determinado momento/lugar no espaço-tempo, somente compreensível em suas relações com outras situações, no presente, no passado ou no futuro. É preciso concebê-la ainda como condição espaço-temporal herdada ou produzida pelos sujeitos, que os posiciona no sistema de distâncias entre eles e os lugares e entre eles e os demais sujeitos, isto é, sua *situacionalidade*. Essa condição age decisivamente sobre sua perspectiva perante o mundo e, ao mesmo tempo, lhes mobiliza para a ação. Em sua ação no espaço, os atores estão sempre produzindo novas situações e aos geógrafos, cabe, portanto, não apenas a análise das situações como realidades objetivas, apropriáveis; os recortes no espaço-tempo exigem a compreensão dos atores em situação, isto é, em seu incessante processo de constituição de novos espaços e novos tempos. Essa é a grande potencialidade conceitual da situação geográfica: atribuir relevância à relatividade, à perspectiva e à mudança como instâncias fundamentais para a compreensão da ação espacial.

Referências

- BALANDIER, G. 2014 (1951). A situação colonial: abordagem teórica. *Cadernos CERU*, 25(1), 33-58, 2014 [1951].
- _____. A noção de situação colonial. *Cadernos de Campo*, n. 3, São Paulo, 1993. p. 107-131.
- BRUNET, R.; FERRAS, R.; THERY, H. (orgs.). 1992. *Les Mots de la géographie: dictionnaire critique*. Paris, Montpellier: Reclus-La Documentation Française.
- BRUNHES, J. 1962 (1910) *Geografia Humana*. Rio de Janeiro: Ed. Fundo de Cultura.
- CATAIA, M.; RIBEIRO, L. H. (2015). Análise de situações geográficas: notas sobre metodologia de pesquisa em Geografia. *Revista da ANPEGE*, 11 (15):9-30.
- CLAVAL, P. 2014. *Epistemologia da Geografia*. 2ª ed. Florianópolis: Ed. da UFSC.
- DEBORD, G. 2003 (1957). Relatório sobre a construção de situações e sobre as condições de organização e de ação da tendência situacionista internacional. In: Jacques, P. (org.). *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade / Internacional Situacionista*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.
- DEWEY, J. 1938. *Logic - the theory of inquiry*. Nova York: Henry Holt and company.
- FREIRE, P. 1987. *Pedagogia do Oprimido*. 16ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- GEORGE, P. 1969. *Sociologia e Geografia*. Rio de Janeiro – São Paulo: Forense.
- GEORGE, P. et al. 1973. *A Geografia Ativa*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.
- HAESBAERT, R. 2022. A Geografia entre conhecimento situado, abordagem descolonial e interseccionalidade. *GEoграфия*, vol. 24, n. 53.
- HARAWAY, D. 1995 (1988). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagun*. 5
- INTERNACIONAL SITUACIONISTA. 2003 (1958). Questões preliminares à construção de uma situação. In: Jacques, P. (org.). *Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade/Internacional situacionista*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.
- LATOUR, Bruno. *La science em action*. Paris: La Découverte, 1989.
- LUSSAULT, M. 2015. *El hombre espacial*. La construcción social del espacio humano. Buenos Aires: Amorrortu.
- PEREIRA, S. 2021. Sobre a Situação Geográfica de Ratzel: breve nota. *Terra Brasilis - Revista da Rede Brasileira de História da Geografia*, n. 15.
- RATZEL, F. 2021. Sobre a situação geográfica: uma consideração político-geográfica [1894]. Tradução: Luciana Martins e Ferdinand Reis. *Terra Brasilis - Revista da Rede Brasileira de História da Geografia*, n. 15.
- SANTOS, M. 2012 (1996). *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- _____. 2004. *Pensando o espaço do homem*. 5ª ed. São Paulo: Edusp.
- SARTRE, J. P. 2015 (1943). *O ser e o nada – Ensaio de ontologia fenomenológica*. Tradução de Paulo Perdigo. 24ª ed. Petrópolis: Vozes.
- SILVEIRA, M. L. (1999). Uma situação geográfica: do método à metodologia. *Revista Território*, ano IV, nº 6, jan./jun.
- SPITZER, Leo. Situation as a Term in Literary Criticism Again. *Modern Language Notes*, vol. 72, n. 2, fev. 1957.
- SORRE, M. 1984 (1961). A sociabilidade e o meio geográfico. In: Megale, J. F. (org.). *Max Sorre: geografia*. São Paulo: Ática.
- VIDAL DE LA BLACHE, P. 2012 (1899). A geografia política: a propósito dos escritos do Sr. Friedrich Ratzel. In: Haesbaert, R. et al. (orgs.). *Vidal, vidais: textos de geografia humana, regional e política*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.